

PROVISÓRIO, INSTÁVEL E PRECÁRIO

A transitoriedade permanente das travessias temporárias

O primeiro número da revista *Travessia*, publicado em 1988, tratou da temática dos "migrantes sazonais", uma das formas tradicionais da migração temporária. O termo está ainda intimamente ligado a ciclos naturais da produção agrícola nas diferentes estações do ano e percebemos que os "avanços" tecnológicos alteram progressivamente essa "dependência" da sazonalidade natural. Também o Boletim "Cá e Lá" da Pastoral do Migrante lembrou, na época, que o migrante é "que nem folha seca, que o vento leva para onde quer...migrante é que nem pomba, aonde vai tem um caçador na mira...migrante é que nem passarinho: voa de galho em galho e nunca encontra sossego; só que o passarinho canta e o migrante chora". Sabidamente as metáforas do mundo natural ajudam a visualizar, mas ao mesmo tempo, e antes de tudo, ocultam a coerção social da ditadura da economia do mercado que exige a mobilização total da força de trabalho. Sujeitadas à lei da concorrência, com todas as filigranas empíricas e diferenciações de lugares, as pessoas estão disponibilizadas para ir "ao trabalho" e "à guerra". A mobilização forçada, alicerce dos tempos modernos, está por trás de todas as particularidades de histórias de vida migrante e obriga a ir além do olhar sobre meros deslocamentos temporários entre locais de origem e de destino.

Hoje, 20 anos depois, em 2008, a revista retoma a temática no seu número 61. Agora o migrante temporário se faz cada vez mais presente no mundo contemporâneo da crise fundamental. Temporário, flexibilizado, e deslocado "just-in-time" no processo da valorização, o migrante move-se num turbilhão de descumprimentos da legislação trabalhista e da negação dos direitos humanos universais. Porém, sempre é bom lembrar que se trata de leis que brotaram da organização do processo da imposição violenta da modernização do "lobo entre lobos" e de direitos que, no progresso civilizatório cada vez mais destruidor e degradador, se fizeram cinicamente necessários para incutir nos sujeitos sujeitados a positividade do ideário iluminista. No início da longa história da modernização se deu uma humilhação primária: a transformação das pessoas em mero material do processo de valorização. No decorrer dos processos de modernização os mais diversos movimentos sociais e políticos tentaram estabelecer uma espécie de "dignidade humana", porém sempre apenas nos fundamentos da sua própria humilhação primária, isto é, continuam na busca de uma dignidade de segundo grau. Por isso, o migrante temporário não pode ser visto apenas como um "coitado", membro de um abstrato "povo sofredor", ele é um sujeitado a um histórico mecanismo social de valorização. Trata-se de um mecanismo autonomizado, com um fim em si mesmo e cuja crítica precisa ser feita indo até as suas raízes mais fundamentais.

Estamos ainda perante uma outra questão. Dizem-nos que tudo é passageiro, tudo é efêmero, tudo é travessia, tudo é temporário. Tudo se transforma. Assim, o migrante temporário corporificaria uma ontológica condição humana, diminuindo e reduzindo a importância e as particularidades da história sócio-econômica. A sempre citada idéia de Heráclito, segundo a qual não se pode entrar duas vezes no mesmo rio, lembra contraditoriamente a historicidade, mas ao mesmo tempo induz a uma ontologização trans-histórica. Lembremos também a bela expressão de Helio Pelegrini: "Pé no chão, pé no ar, antes do mergulho". Esta é a condição permanente e repetida de insegurança, fragilidade e precariedade do migrante temporário. Mas continuamos ainda diante da questão crucial: "Pé no chão, pé no ar, antes do mergulho" é condição do "ser humano em si" ou uma determinação da moderna história social e econômica de sujeitos sujeitados ao sistema produtor de mercadorias? E em seguida enfrentamos ainda o problema de como fazer a crítica e como caminhar num processo de emancipação. A emancipação se dá na "resistência miúda", apelando apenas ao cumprimento das leis e dos direitos, inclusive dos assim chamados "direitos humanos" ou ela se dará somente em "ações e opções" numa travessia que busca, além do mercado e do estado, uma vida de estabilidade e felicidade, sempre com uma gratificante inquietude sossegada?

Heinz Dieter Heidemann